

A cultura do estupro em uma perspectiva psicanalítica

Mariane Avelar Natividade

Orientadora: Magali Milene Silva

Resumo: Este artigo apresenta uma perspectiva psicanalítica sobre o que hoje chamamos de cultura do estupro. Apesar desse tipo de violência não acometer apenas mulheres, nosso foco será o sexo feminino, por este ser o que mais sofre as agressões segundo pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Para tratar sobre esse assunto, em um primeiro momento serão apresentadas informações e dados a respeito da violência sexual contra a mulher e posteriormente será exposto qual é a perspectiva da psicanálise freudiana sobre o tema. Com comentários de autores e autoras que já se propuseram a refletir sobre a sexualidade feminina, apontamos quais os lugares ocupados tanto por mulheres, quanto por homens que contribuem para a formação dessa cultura. Por fim, serão propostos possíveis caminhos para que essa realidade, onde inúmeras mulheres são agredidas diariamente, possa ser modificada.

Palavras-chave: Cultura do estupro. Psicanálise. Mulher. Violência.

Introdução

Apesar de muito discutido atualmente, o termo “cultura do estupro” ainda é pouco compreendido. Segundo Sousa (2017), existe um descontentamento e incômodo quando dizemos que existe uma cultura que alimenta esse tipo de violência. Pois, para muitas pessoas, como os estupros são extremamente repudiados tanto pelo senso comum quanto pelo código penal, cria-se a ilusão de que isto seja algo pouco recorrente. Porém, dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) estimam que, por ano, 0,26% da população brasileira seja vítima de violência sexual. O que, em números, significa que 527 mil tentativas ou casos de estupros consumados são registrados anualmente no Brasil, mostrando assim, que esses casos ocorrem frequentemente.

Por isso, a proposta de pesquisa deste trabalho se justifica quando ao refletirmos sobre a condição da mulher na sociedade e as violências sofridas por elas, chegamos ao estupro, ou melhor, a chamada “cultura do estupro”. A

princípio, é importante destacar que o estupro deve ser compreendido como um crime grave contra a própria condição humana, pois é uma violação agressiva ao corpo do/a pessoa agredida sexualmente. No caso da cultura do estupro é um termo usado para abordar as maneiras em que a sociedade culpa as vítimas de assédio sexual e normaliza o comportamento sexual violento dos homens. Ou seja, quando, em uma sociedade, a violência sexual é normalizada por meio da culpabilização da vítima, isso significa que existe uma cultura do estupro. Essa cultura é uma consequência da naturalização de atos e comportamentos machistas, sexistas e misóginos, que estimulam agressões sexuais e outras formas de violência contra as mulheres. Comportamentos esses que podem ser manifestados de diversas formas, incluindo cantadas de rua, piadas sexistas, ameaças, assédio moral ou sexual, e não apenas por estupro e feminicídio propriamente ditos. É fácil perceber que, nesse ambiente, as mulheres vivem sob constante ameaça, o que pode gerar inúmeros danos psicológicos.

Nesse sentido, percebemos também que esse é um tema que exige maior aprofundamento, já que ele está imbricado em discursos muito sutis do cotidiano, como falas ou suposições de como homens e mulheres devem se portar. Portanto, com o **objetivo** de aprofundarmos nossa compreensão sobre o assunto e desenvolvermos uma perspectiva crítica a seu respeito, utilizaremos da psicanálise de Sigmund Freud (1856 – 1939) para alçar questionamentos e buscar outros olhares sobre essa temática.

Assim, diante dessas conceituações chegamos ao nosso **problema de pesquisa**: Qual é a perspectiva da psicanálise sobre a cultura do estupro? Além de que, considerando que para muitas feministas, como Simone de Beauvoir, a teoria de Freud carrega um teor machista, seria possível utilizar a psicanálise como fonte de elucidação sobre esse tema?

Dessa forma, neste artigo apresentaremos brevemente algumas definições sobre o termo cultura do estupro e alguns dados adicionais sobre o assunto, como estatísticas. Para que enfim possamos apresentar alguns conceitos psicanalíticos e então relacioná-los a esse tipo de violência tão atroz e repudiado, mas ainda assim tão presente em nosso meio.

Raízes da cultura do estupro

Inicialmente, para tratar sobre a cultura do estupro, precisamos compreender o que é reconhecido como cultura. Para Renato Floriano de Sousa (2017), quando denominamos uma determinada prática social de cultura, queremos dizer que ela ocorre de forma frequente e corriqueira, além de se exprimir especificamente como uma atividade humana. Sousa (2017) ainda cita Marilena Chauí (1986, p. 14) que define cultura como “campo simbólico e material das atividades humanas”. Tais afirmações permitem que possamos compreender a cultura do estupro como uma produção social, o que não significa que todos os seres humanos sejam responsáveis pelos estupros ocorridos, mas sim que essa é uma prática perpetuada por uma cultura machista e misógina, onde a violência contra a mulher acaba sendo naturalizada. Aqui, faz-se importante também destacar que um estuprador não pode ser pré-concebido como doente ou apenas produto da sociedade, já que isso o isentaria da responsabilidade sobre seus atos. Assim, compreender a violência contra a mulher, em especial a sexual, como cultural, é relevante para que possamos nos atentar para os mecanismos sociais que contribuem e alimentam diariamente tal prática.

Nesse sentido, ainda de acordo com Sousa (2017), podemos dizer que apenas classificar e tratar o comportamento de um agressor através de definições previstas no código penal ou em manuais psiquiátricos são práticas extremamente reducionistas, considerando que estupros ocorrem em diferentes classes sociais e lugares. É necessário compreendermos que a partir do momento em que a violência é exercida com o objetivo de reduzir uma pessoa à condição de submissão, violando os direitos humanos mais básicos, o discurso machista se faz ferramenta fundamental nesse processo, já que a arrebatadora maioria das vítimas são mulheres ou pessoas que não reproduzem estereótipos de virilidade ou masculinidade. Assim, uma vez que esse discurso carrega a ideia de que o poder sexual está no homem e permeia toda a sociedade, que revitimiza a vítima principalmente por se colocar nas chamadas “situações de risco”, a mulher passa a ser considerada culpada por não seguir as supostas regras de conduta. Regras de conduta essas que segundo Sousa (2017, p. 12) são:

(...) inseridas na socialização da mulher desde o momento do nascimento, ensinando-a que tipo e tamanho de roupas vestir, que tipo de maquiagem usar, como se comportar na rua, quando e como beber, quais os horários pode sair de casa, e, assim, sucessivamente, depositando na mulher a responsabilidade sobre os atos dos terceiros contra a sua integridade sexual.

O discurso da cultura do estupro também ensina aos homens que toda e qualquer oportunidade de consumação sexual deve ser aproveitada e que o “não” de uma mulher pode ser apenas um sinal para que haja persistência no ato de conquista, já que a negação da mulher passa a ser vista como parte dos ensinamentos propostos nas normas de conduta aprendidas desde a infância e não como um real desejo da mulher.

É importante ressaltar que esse lugar da mulher na sociedade como submissa e inferior, já vem sendo discutido há muitos anos. Na obra intitulada o “O segundo sexo” de 1949, Simone de Beauvoir inicia seus escritos já abordando uma temática muito polêmica, principalmente para a época em que ela se encontrava. Questionando “O que é a mulher?”, Beauvoir (1949) afirma que historicamente a figura feminina foi vista sempre em relação ao homem e nunca independente dele. Aparentemente o homem deveria ser “o padrão”, ou seja, aquele que estabelece as normas. “Ser homem” seria possuir a condição humana, portanto é algo que não necessita ser explicitado quando nos referimos a alguém do sexo masculino, diferente do que ocorre quando nos referimos a uma mulher, onde na maioria das vezes sentimos a necessidade de destacar o seu sexo.

Assim, percebemos que a cultura do estupro, tem suas raízes em tempos remotos e por isso, se torna muito difícil, senão quase impossível definir o seu início. Assim, para aprofundarmos nossa compreensão sobre o tema, trazer a tona alguns dados sobre a violência sexual contra mulheres e evidenciarmos o discurso machista e misógino que a precede, podemos citar Rost e Vieira (2015), que afirmam que entre os séculos XVI e XVIII, a agressão sexual ao corpo de uma mulher era considerada uma violência contra o responsável legal da mesma, que ou era o marido ou o pai. Percebemos aqui que o estupro de mulheres se tratava de um crime de homens contra homens, os únicos sujeitos capazes de punir aqueles dotados de desejos que violavam

a ordem social, enquanto que as mulheres seriam apenas objetos sem vontades ou sentimentos.

Somando peso a essas informações, já em 1949, Simone de Beauvoir, afirmava que a prostituta assume o papel de bode expiatório da sociedade, ou seja, o lugar onde os homens poderiam usar para eliminar os seus desejos mais baixos. Por isso, mesmo quando defendidas por leis e fiscalizações policiais, elas continuam sendo tratadas como párias. Afirmações como essas realizadas por Beauvoir, feitas há mais de 60 anos, se mostram pertinentes na atualidade quando analisamos os dados de pesquisas como a de Penha (2013, p. 986):

Em estudo desenvolvido com 40 prostitutas do município de Sobral (CE), treze (62%) disseram que sofreram, às vezes, atitudes violentas e oito (38%) afirmaram que são violentadas sempre, com ocorrência de violência física em doze (30%), sexual em cinco (12,5%) e psicológica em quatro (10%) das mulheres.

A pesquisa acima também foi realizada em Picos (PI) e os resultados foram semelhantes. A questão que pode ser percebida aqui, é que da mesma forma que algumas mulheres são destinadas a condição de bode expiatório da sociedade por serem consideradas “putas”, outras são mantidas “puras” e designadas a serem boas esposas. Assim, ambas acabam ocupando o mesmo local de objetificação e submissão ao sexo masculino e estão sujeitas à condições parecidas de violência.

Fato esse, que podemos destacar a partir da pesquisa de Rost e Vieira (2015), que apontam que no Brasil, na década de 1980, os casos de violência doméstica se tornaram pauta primordial do movimento feminista e em 1990 os casos de violência sexual cometidos pelo cônjuge também começaram a ser tratados. Mas apenas em 1998, o Ministério da Saúde, definiu a violência contra a mulher como um ato de violência de gênero que afeta a vítima de forma física, sexual ou psicológica. E em 2006, a Lei Maria da Penha foi sancionada. Segundo Gomez et al. (2007) essa lei visa punir casos de violência doméstica e familiar, entendendo o âmbito doméstico como aquele espaço onde há o convívio permanente entre as pessoas, podendo haver ou não, vínculo familiar. A Lei também faz referência à violência conjugal, onde o

agressor está de alguma forma ligado à vítima por questões afetivas, não necessariamente coabitando uma moradia.

A partir dessas informações, percebemos um número alarmante de casos de violência contra mulher, tanto em relação àquelas que se prostituem, quanto às que estão fora dessa área considerada de risco. Isso se torna visível quando percebemos a necessidade do estabelecimento de leis como a Lei Maria da Penha.

De acordo com Gomez et al. (2007), as expectativas da família moderna sobre o comportamento e o papel de homens e mulheres, reforçam a desigualdade social existente. Das mulheres são esperadas características como delicadeza, sensibilidade, passividade e obediência. Ainda segundo Gomez et al. (2007), o fato de engravidarem e amamentarem, atrelado a uma cultura machista, fez com que fosse delegado às mulheres as funções de cuidar do marido, do lar e dos filhos. Enquanto que aos homens foram relacionadas funções de cargos que o colocassem como provedor e chefe da casa e para isso era necessário que o sujeito do sexo masculino fosse forte, viril, corajoso e agressivo.

Aqui fica evidente a afirmação de Beauvoir (1949), de que “ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher”. Afinal essa diferença biológica ganhou proporções que ultrapassam as questões do corpo. Fazendo com que o homem seja valorizado em detrimento da mulher, e assim legitimando situações onde o homem é o dominador e a mulher, a submissa, a inferior. O que faz com que a figura feminina perca o seu lugar de sujeito, com autonomia e liberdade para decidir até mesmo sobre o próprio corpo, o que a deixa extremamente vulnerável aos diversos tipos de violências. Pois o seu corpo passa a ser visto em função do homem, ou seja, o homem é o sujeito que pode possuir o controle sobre o objeto, ou, melhor dizendo, sobre a própria mulher.

Após, essa breve exposição sobre o lugar da mulher na sociedade e alguns dados relacionados à violência, tanto sexual quanto física e psicológica, percebemos como esse assunto precisa ser tratado e compreendido, não de forma isolada ou repleta de arroubos passionais como tem sido feito, mas sim de forma perspicaz e racional. E sempre levando em consideração que a cultura do estupro, como o próprio nome já diz, é construída a partir de discursos criados, construídos e mantidos através de nossa própria sociedade.

Discursos que, por estarem tão intrincados em nossa história, muitas vezes passam despercebidos, e por isso mesmo acabam por resultar em ações quase sempre consideradas absurdas e dignas de toda turpitude presente em desejos de punições extremamente violentas e ineficazes.

Perspectiva da psicanálise sobre a cultura do estupro

Sigmund Freud (1856-1939) é o pai da psicanálise. De acordo com Furtado, Bock e Trassi (1989), foi ele o médico vienense que mudou a perspectiva sobre o psiquismo, por tratar questões antes consideradas obscuras como problemas científicos. Nesse contexto, Freud desenvolveu a psicanálise com um novo método investigativo. Baseando na interpretação de significados ocultos advindos de ações e palavras, ou produções imaginárias, como sonhos, delírios, atos falhos e associações livres, inúmeras informações agora poderiam ser reconhecidas e até mesmo questionadas.

Por isso, nesse trabalho onde buscamos compreender um pouco mais sobre a cultura do estupro, é extremamente relevante utilizarmos a perspectiva psicanalítica como fonte de um olhar mais aprofundado sobre esse tema. Para isso, serão abordadas aqui algumas das principais obras de Freud, considerando que desde o princípio de seus escritos, ele tratou sobre a sexualidade, artéria fundamental de toda a sua obra, e também apontou como obscura a vida sexual das mulheres. Neste ponto, é importante destacarmos o lugar de distanciamento do sexo feminino, muito representativo da época e conseqüentemente, da nossa sociedade.

Nos Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Freud (1905/2006) afirma que apenas a vida sexual dos homens está acessível para as pesquisas, enquanto que a das mulheres ainda se encontra obscura. Porém, nesses escritos já são levantadas algumas possibilidades e questionamentos.

Ao tratar sobre a sexualidade infantil, Freud (1905/2006) nos traz a informação de que existiria uma disposição perversa e polimorfa, onde a criança sob influência da sedução estaria sujeita a todas as transgressões possíveis. Mas isso deixaria de acontecer no decorrer do desenvolvimento quando barreiras (como a moral e a vergonha, chamadas de diques anímicos) contra os excessos sexuais fossem erguidas. E aqui, Freud compara a criança

a uma mulher inculta média, que segundo ele, “se guiada por um sedutor habilidoso, terá gosto em todas as perversões e as reterá em sua atividade sexual” (FREUD, 1905/2006, p. 180). Já nesse ponto, percebemos que Freud anuncia o controle da mulher sobre seus desejos como algo frágil e que precisaria ser desenvolvido para que a mesma não ficasse a mercê do controle de outras pessoas (POLI, 2007). Tal condição será melhor compreendida a medida que formos analisando seus escritos.

Ainda nos Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Freud (1905/2006) começa a diferenciação dos sexos. Aqui, é importante ressaltarmos duas observações, feitas por James Strachey, que foram acrescentadas a sua obra apenas a partir da edição de 1915. A primeira é sobre os conceitos de *masculino* e *feminino*, que podem ser aplicados em três sentidos. No sentido biológico determinando o sexo; no sentido de ativo e passivo, sendo ativo referente ao masculino e passivo ao feminino; ou no sociológico, que se refere aos indivíduos da realidade, onde fica evidente que a masculinidade ou feminilidade puras não são encontradas em nenhum ser humano. A segunda observação é a de que, considerando as informações anteriores, a libido é masculina, já que a pulsão é sempre ativa.

Dessa forma, Freud (1905/2006) afirma que a atividade auto-erótica das zonas erógenas são idênticas em ambos os sexos, o que impossibilitaria na infância uma diferenciação sexual como a que pode ser feita depois da puberdade, quando estão desenvolvidas as inibições da sexualidade, ou como já mencionado, os diques anímicos. Porém, nesse texto, Freud (1905/2006) observando as manifestações masturbatórias da sexualidade, já aponta o seu caráter inteiramente masculino nas meninas. Portanto, aqui é o momento onde o papel da bissexualidade começa a ser reconhecido como fundamental para a compreensão das manifestações sexuais tanto dos homens quanto das mulheres.

Seguindo as colocações de Freud (1905/2006), nas meninas a zona erógena dominante encontra-se no clitóris enquanto que nos meninos, encontra-se na glândula. Assim, as descargas de excitação sexual na menina provocam a contração do clitóris e fazem com que ela transfira para o sexo oposto o equivalente às sensações de seus próprios processos sexuais. Nesse sentido, a diferenciação dos sexos que ocorre apenas na puberdade

aconteceria quando a menina passa por um processo de recalçamento da sexualidade do clitóris, enquanto que no menino ocorre um avanço da libido, pois o que é recalçado na mulher é justamente a parcela de sexualidade masculina. Novamente aqui, ainda nos escritos iniciais de Freud sobre a sexualidade feminina, fica evidente a colocação da sexualidade da mulher como algo muito mais limitado do que a do homem. O que ainda segundo o pai da psicanálise provocaria um estímulo à libido do homem, que se deparando com a inibição sexual das mulheres, ganharia um impulso para sua atividade. Aqui, fica evidente a relação que podemos fazer com a cultura do estupro, onde quanto mais acuada a mulher se encontra, mais explícitos ficam os assédios masculinos, como afirma Sousa (2017).

Assim, nos Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Freud (1905/2006, p. 209) sobre a sexualidade feminina conclui que “quando a mulher transfere a excitabilidade erógena do clitóris para a vagina, ela muda a zona dominante para a sua atividade sexual posterior, ao passo que o homem conserva a dele desde a infância.” Essa mudança posteriormente seria determinante para a neurose na mulher, principalmente da histeria. Tais constatações, ainda que muito breves e tendo sofrido diversas modificações nas publicações seguintes, foram muito importantes para o princípio da compreensão da natureza da feminilidade por Freud. Podemos evidenciar aqui também, claramente o lugar da mulher que, devido às manifestações da cultura, se constitui em relação ao homem.

Ainda nos Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Freud (1905/2006) afirma diretamente que o seio da mãe é o primeiro objeto sexual da criança e que assim permaneceria como protótipo de todas as relações amorosas ulteriores. Até aqui, supunha-se que isso fosse verdadeiro tanto para os meninos quanto para as meninas. Porém, seguindo adiante nas suas obras, de acordo com Strachey (1927), Freud no artigo Teorias Sexuais das Crianças, de 1908, aponta a inveja da menina sobre o pênis e conseqüentemente, o complexo de castração. Assim, nesse momento, surge o ressentimento contra a mãe, identificado pela primeira vez no trabalho sobre “Alguns Tipos de Caráter” de 1916 e que será melhor explicado neste trabalho posteriormente.

Todas essas constatações foram sintetizadas no artigo chamado *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*,

publicado por Freud em 1925. Por isso, iremos apresentar aqui, algumas de suas principais colocações, sempre buscando aprofundamento para a nossa pesquisa.

Freud (1925) então, nos apresenta a situação do complexo de Édipo nos meninos, onde a criança inicialmente tem a mãe como objeto de seu desejo e o pai como rival que ela procura manter sempre à distância. Porém, devido às repressões da atividade masturbatória, e à possibilidade de comparação com o sexo oposto, surge o temor da castração, que marca a dissolução do complexo. Um problema adicional surge para Freud, no entanto, quando ele se volta para a compreensão do complexo de Édipo nas meninas. Pois, como ele mesmo coloca: “Em ambos os casos, a mãe é o objeto original, e não constitui causa de surpresa que os meninos retenham esse objeto no complexo de Édipo. Como ocorre, então, que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto?” (FREUD, 1925/2006, p. 280).

Após esse questionamento, Freud (1925/2006) chegou a algumas conclusões sobre a pré-história do complexo de Édipo nas meninas. Para ele, elas percebem a diferença entre os seus genitais e os de um irmão ou outra pessoa do sexo masculino e acabam por identificar o pênis como um órgão superior ao seu, e por isso elas começam a sofrer por inveja. Nesse ponto, como Beauvoir (1949/2009) menciona, é importante destacar a valorização prévia que é dada ao órgão masculino, colocando sempre a mulher em relação ao homem, e nunca independentemente dele.

É interessante demonstrar também que na situação análoga, Freud (1925/2006) identifica o comportamento oposto. Quando um menino percebe a diferença entre os genitais, inicialmente ele demonstra falta de interesse. Porém, quando ameaçado pela castração, o órgão feminino se torna fonte de grande angústia, já que é a partir dele que o medo de perder o falo aparentemente se torna real. Essa constatação determinará futuramente duas possíveis reações dos meninos às mulheres: “horror da criatura mutilada, ou desprezo triunfante por ela” (FREUD, 1925/2006, p. 281). Para nossa pesquisa, essa afirmação se torna extremamente importante, pois a partir dela compreendemos a necessidade do homem que passa por esse processo, de reduzir o outro ser para que o seu medo da castração seja minimizado. (FINK,

2018) Enquanto isso, a menina estabelece uma relação de inveja ao órgão masculino, já que ela passa a querer aquilo que ela não tem.

Freud (1925/2006) afirma que essa inveja do pênis pode causar inúmeras consequências. Caso a menina compreenda a castração como uma punição, ela pode partilhar do sentimento de desprezo dos homens pelo sexo feminino, e por isso querer ser como um homem. Outra possível consequência é a de que mesmo tendo abandonado seu objeto de desejo inicial, a inveja do pênis pode tomar outra direção e se apresentar como ciúmes, o que segundo Freud (1925/2006), é muito característico das mulheres nas suas relações. Nesse sentido ainda são apontadas outras consequências possíveis, como o distanciamento do objeto materno e a passagem da masturbação do clitóris para um prazer vaginal. Porém tais afirmações serão melhor esclarecidas em sua obra de 1933, chamada de “Feminilidade”.

Antes de aprofundarmos nesse próximo escrito, é importante destacarmos algo que Simone de Beauvoir em seu texto *O ponto de vista psicanalítico*, presente na obra *O Segundo Sexo* de 1949, aponta:

Todos atribuem a mulher o mesmo destino. O drama destreduz-se ao destino entre suas tendências “virilóides” e “femininas”; as primeiras realizam-se no sistema clitoridiano; as segundas no erotismo vaginal; infantilmente, ela se identifica com o pai, depois experimenta um sentimento de inferioridade em relação ao homem e é colocada na alternativa de manter sua autonomia, de se virilizar. (BEAUVOIR, 1949, p. 77).

Assim, Beauvoir (1949/2009) busca destacar esse lugar da mulher para a psicanálise que está sempre inferior ao do homem e por isso mesmo ela questiona se esta não seria apenas mais uma reprodução daquilo que é imposto pelo sistema patriarcal. No entanto, em contraponto a estas colocações da filósofa, podemos citar Maria Cristina Poli (2007) que afirma que não podemos desconsiderar Freud como sujeito – termo laciano – de sua escrita, onde estamos abordando o encontro entre um código cultural e as formas de expressão de seu desejo. Portanto sua escrita também está alienada ao que a constitui. No entanto, ainda que essa alienação esteja presente, cabe a Freud a responsabilidade por eliminar as amarras sexuais antes impostas,

pois é ele quem desloca as questões da sexualidade da anatomia para o desejo.

Retornando aos escritos freudianos e nos ocupando do último texto escrito sobre a temática da sexualidade da mulher, chegamos à sua conferência chamada *Feminilidade*. Como neste trabalho já apresentamos diversas conceituações sobre como a psicanálise compreende a sexualidade da mulher, apresentaremos aqui, apenas aqueles trechos que surgem como novidade ou até mesmo síntese do que já foi dito e que corroboram com a nossa pesquisa.

Nesse texto, é explicado como a menina toma a mãe como rival e o pai como objeto de desejo. Segundo Freud (1933/2010), a criança que antes tinha a mãe como objeto de amor, passa a responsabilizá-la pela sua falta de pênis e começa a agir com rancor em relação a sua genitora. O pai, que antes era visto como aquele que poderia tirar o objeto amado (a mãe), agora é visto como detentor do falo, e por isso o desejo da menina se volta para ele.

Freud (1933/2010), mais adiante, ainda explica que como o pai antes era o responsável pela possível retirada do objeto amado, ele era aquele que colocava limites e estabelecia a lei, porém, com a sua troca de lugar para o foco do desejo, agora ele ocupa um lugar ambíguo. Isso, explicaria porque as mulheres seriam dotadas de um superego mais frágil e de menor senso de justiça do que os homens. Com essa colocação, Freud (1933/2010) compreende o julgamento da mulher como algo tendencioso, já que ele sempre se dá norteado por outro ser e não por ela mesma. Tal aspecto apenas seria modificado se ela deslocasse seu desejo para outro objeto que não fosse o pai, assim como a satisfação clitoriana para a vaginal. Para enfim, assumir sua feminilidade e seu interesse por um filho, que se tornaria o seu novo falo. Isso marcaria a saída da mulher do complexo de Édipo.

Nesse ponto, faz-se importante apresentarmos também a diferenciação que Freud (1933/2010) coloca para saída desse complexo tanto para meninos, quanto para meninas. Nos meninos o medo de perder o falo, marca a saída. Assim, o complexo de Édipo cede lugar ao complexo de castração, e surge um forte superego que norteia a vida e as decisões do homem. Nas meninas, como já mencionado, o processo é mais complexo e muitas vezes inconclusivo. Ocorre que a constatação da castração marca a entrada no complexo de

Édipo, e a criança percebe que com a mãe como objeto, ela não obterá o falo. Por isso, o interesse se volta para o pai, porém como ela não se identifica com ele, o desejo de ter um pênis se volta para o de ter um bebê. Percebemos assim, que na mulher acontece o processo inverso do que ocorre no homem. Essa é a grande mudança que marca esse escrito de Freud, pois até então, apesar de já ter proposto algumas ideias sobre o assunto, é neste que ele às esclarece.

Freud (1933/2010) aponta também outras possíveis características que podem ser imputadas à feminilidade. De acordo com ele, como já mencionado, na mulher ocorre maior coação da libido, além de que encontramos um maior grau de narcisismo, o que faz com que haja mais necessidade em ser amada do que em amar. Outra característica ressaltada é a vaidade, pois nela estaria implicada uma compensação para a inveja do pênis. Ou colocando de outra forma, ao tentar mostrar a falta do outro se exibindo como um ser completo, a mulher anula seus próprios desejos. (FINK, 2018) O pudor também é destacado e teria a função de esconder o defeito dos genitais.

Tais características norteiam a vida da mulher adulta. E caso a menina permaneça na ligação paterna, ela tenderá a escolher um marido com as características do pai, podendo posteriormente esse homem assumir o lugar da mãe e surgir assim uma relação de luta contra o marido. Ou, após o primeiro filho, é possível que a mulher se identifique com a mãe (primeira referência de castração) e por isso reprima toda a sua libido, causando grande frustração em seu casamento. Para Freud (1933/2010) então, apenas a consumação do desejo da maternidade poderia gerar satisfação ilimitada na mãe, pois esta seria a única relação livre de ambiguidades e onde a mulher poderia depositar no filho suas ambições. Como esta relação pode se repetir em outras situações, até mesmo o casamento só se tornaria satisfatório quando o marido assumisse o lugar de filho.

É interessante destacarmos aqui, como Freud desde o princípio ressalta a importância do desejo da mulher ser ouvido. Isso contribuiu para que a relação que antes se colocava do sexo feminino ser incapaz e dependente de um homem específico começasse a se tornar obsoleta. Podemos dizer assim, que a psicanálise foi fundamental para que a mulher pudesse definir a direção de seus próprios desejos. (POLI, 2007) O que para essa pesquisa, se torna

ainda mais significativo, pois é a partir desse local de ser desejante, que quando assumido e reconhecido, marcando a saída do complexo de Édipo, a mulher deixa de ser vista como um ser inferior e passa a ser vista como a mãe que ela tanto almeja ser. Mas não apenas mãe de outro ser, mas também mãe de si mesma e por isso, dona de seu próprio corpo. Porém, ainda como ressalta Poli (2007), todas as saídas do complexo de Édipo propostas por Freud são consideradas saídas fálicas, e por isso a autora chama a atenção para pensarmos alternativas que não sigam apenas essa lógica ativa, mas também saídas que assumam a passividade (própria do feminino) como uma possível solução.

Conclusão

Após percorrermos tantas conceituações, podemos afirmar que a cultura do estupro é uma construção social, envolvendo não só como é lido o papel da mulher com relação a sua sexualidade, mas também como o homem compreende a sexualidade e suas formas de expressão. Nesse sentido, apesar da psicanálise com certeza ter contribuído imensamente para a compreensão da sexualidade humana, talvez, como afirma Beauvoir (1949/2009), ficou escassa essa percepção dos desejos sob outra ótica, que não só a do sexo masculino. Afinal, o que podemos perceber é sempre esse lugar da mulher em relação ao homem, muito representativo da sociedade patriarcal.

Porém, ainda que a psicanálise carregue definições muitas vezes consideradas machistas, não podemos ignorar que ela também é fruto dessa sociedade onde a cultura do estupro se faz presente. Pensando assim, compreendemos que aplicada no contexto em que está inserida, a psicanálise de Sigmund Freud corrobora com a realidade e nos obriga a aprofundar nosso olhar sobre como nos constituímos, e ao mesmo tempo, como nós podemos desconstruir e ampliar perspectivas do nosso cotidiano.

Nesta pesquisa buscamos apontar como a mulher é vista socialmente e como, através do olhar da psicanálise, ela poderia sair desse lugar de submissão. Ficou evidente que, a partir dos questionamentos estabelecidos, é necessária uma reelaboração da própria mulher em relação ao seu papel enquanto ser desejante. Afinal, por se perceber castrada desde o princípio de

sua vida, várias outras abdições em prol de conquistar o falo lhe são infligidas, e assim a mulher, muitas vezes, deixa de ser vista como sujeito diante de suas próprias decises. Da mesma forma que, na busca de demonstrar ao outro que ele também é um ser faltante se colocando com um ser completo, a própria mulher anula seus desejos.

Outro ponto também fundamental é o lugar do homem nessa trajetória, considerando que ele é o potencial agressor, e logo, aquele que agride e violenta a mulher. E aqui, percebemos a necessidade do homem de inferiorizar o outro ser para que seu falo seja mantido. Assim, para estes, faz-se necessário uma maior percepção não só de si mesmos, mas também da mulher para que ela deixe de ocupar esse lugar como ameaça de castração. Percebemos assim, que o processo inverso de saída do complexo de Édipo que Freud (1933/2010) destaca, é extremamente importante para que numa sociedade onde o estupro ganha *status* de cultura, seus indivíduos possam conviver de forma mais pacífica e com as libidos direcionadas para fins que não gerem a violência.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CERQUEIRA, D; COELHO, D. S. C.; Estupro no Brasil: Uma radiografia segundo dados da Saúde (versão preliminar). **Atlas da violência**, Brasília, n. 11, março de 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/21/estupro-no-brasil-uma-radiografia-segundo-os8-dados-da-saude>. Acesso em: 17 maio 2019.

FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

FREUD, S. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**: Volume VII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**: Volume XIX. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FURTADO, O.; BOCK, A. B.; TRASSI, M. A psicanálise. In:_____. **Psicologias**: Uma introdução ao Estudo de Psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999. cap. 5, p. 70-84.

GOMES, N. P. et al. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias de gênero e geração. **Acta Paul Enferm**, Salvador, vol. 20, nº 4, p. 504-508, set. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n4/19>> Acesso em 08 outubro 2017.

PENHA, J. C. et. al. Caracterização da violência física sofrida por prostitutas do interior piauiense. **REBEn**. Brasília, p. 984-990, jan. 2013. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=ADOLEC&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=669482&indexSearch=ID> > Acesso em 07 setembro 2016.

POLI, M. C. **Masculino/Feminino**: Psicanálise – Passo a passo. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

ROST, M.; VIEIRA, M. S.; Convenções de gênero e violência sexual: A cultura do estupro no ciberespaço. **Contemporânea – Comunicação e Cultura**, Salvador, vol. 13, nº 02, p. 261-276, ago. 2015.

SOUSA, R. F. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 9-29, jan./abr. 2017.